

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, NATURAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS/HISTÓRIA

DANIELE DE JESUS SILVA SOARES

***BULLYNG NO AMBIENTE ESCOLAR: Estudo realizado na Escola Municipal
Romualdo Ferreira no município de Pinheiro-MA.***

PINHEIRO
2019

DANIELE DE JESUS SILVA SOARES

**BULLYNG NO AMBIENTE ESCOLAR: Estudo realizado na Escola Municipal
Romualdo Ferreira no município de Pinheiro-MA.**

Artigo apresentado, a Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para conclusão do curso de graduação de Licenciatura em Ciências Humanas / História.

Orientadora: Doracy Gomes Pinto Lima

Aprovada em: ____/ ____/ 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Ma . Doracy Gomes Pinto Lima
(Orientadora)

Prof^a Ma . Francilene do Rosário de Matos
1º Examinador

Prof.Dr.Alexandre Victor de Lima Fonseca
2º Examinador

BULLYNG NO AMBIENTE ESCOLAR: Estudo realizado na Escola Municipal Romualdo Ferreira no município e Pinheiro-MA.

Daniele de Jesus Silva Soares¹

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar as estratégias utilizadas pela escola no enfrentamento das manifestações do bullying no ambiente escolar. O *bullying* é um fenômeno amplo e complexo que atinge diversas faixas etárias, ocorrendo não só no ambiente escolar, mas também fora da escola, causando sofrimento às vítimas pelas ações repetitivas e podendo trazer problemas tanto no presente como futuramente. Desse modo, falar sobre bullying é relevante para que haja a conscientização de todos os envolvidos direta e indiretamente. A metodologia utilizada consiste em uma pesquisa de natureza quantitativa, de conteúdo exploratório/descritivo, através da pesquisa de campo. Os resultados demonstram que o *bullying* vem crescendo nas escolas, causando dor e sofrimento psicológico em suas vítimas, não podendo ser encarado como algo inofensivo. Assim, conclui-se que é importante haver uma parceria escola e família no combate ao bullying, como também é necessário desenvolver atividades relacionadas ao tema na sala de aula, visando a prevenção para que sejam minimizadas as consequências desses atos na vida adulta dos adolescentes.

Palavras-chave: Violência Escolar. Bullying. Alunos. Professores.

ABSTRACT

This study aims to analyze the strategies used by the school to cope with the manifestations of bullying in the school environment. Bullying is a broad and complex phenomenon that affects various age groups, occurring not only in the school environment, but also outside the school, causing suffering to victims through repetitive actions and may cause problems both now and in the future. Thus, talking about bullying is relevant to raising awareness of all stakeholders directly and indirectly. The methodology used consists of a quantitative research, exploratory / descriptive content, through field research. The results show that bullying has been growing in schools, causing pain and psychological suffering in its victims, and can not be seen as harmless. Thus, it is concluded that it is important to have a school and family partnership in the fight against bullying, as it is also necessary to develop activities related to the theme in the classroom, aiming at prevention so that the consequences of these acts in the adult life of adolescents are minimized.

Keywords: School Violence. Bullying. Students. Teachers.

1 INTRODUÇÃO

A escola é um ambiente que permite a aprendizagem e a socialização entre os sujeitos, contudo as relações estabelecidas nesse espaço vêm sofrendo um aspecto conflituoso, gerando um clima de tensão nos indivíduos que o compõe. Essas relações parece evoluir a proporções que acabam caracterizando a presença do *bullying* nesse espaço de formação. Isso tem levado alguns alunos a se sentirem desmotivados, perdendo o encanto de estar no ambiente escolar.

O *bullying* é um termo utilizado para descrever atos de violência física ou moral,

¹Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Humanas, habilitação História, da UFMA-Pinheiro

intencionais e repetidos, praticados por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

O *Bullying* escolar, é uma forma de violência caracterizada por agressões morais e físicas entre alunos, sejam crianças, adolescentes ou jovens e até mesmo professor, dentro do ambiente escolar. Sendo que, vários são os fatores que contribuem para a ocorrência do *bullying* na escola, como a influência da mídia, falta de medidas preventivas dentro das escolas, falta de informações sobre tal tema para a sociedade.

É fato que no ambiente escolar existem diversas manifestações de violência, como é o caso do *bullying*, que afeta os alunos em suas diversas faixas etárias. Por se tratar de um dos problemas mais frequentes nas escolas atualmente, esse fenômeno deve ser combatido com o envolvimento de todos: professores, diretores, funcionários, alunos e familiares.

A presente pesquisa justifica-se em razão das crianças e jovens vítimas de *bullying*, na maioria das vezes, sofrerem caladas frente ao comportamento de seus ofensores. As consequências podem ser desastrosas, desde repetência e evasão escolar, até isolamento, depressão e, em casos extremos, suicídios e homicídios.

Mediante o exposto, busca-se responder ao seguinte questionamento: quais estratégias são utilizadas pela escola para enfrentamento das manifestações do *bullying* no ambiente escolar?

Para tanto este estudo teve como objetivo geral analisar as estratégias utilizadas pela escola no enfrentamento das manifestações do *bullying* no ambiente escolar e como objetivos específicos, compreender como o *bullying* ocorre na escola, descrever quais são as consequências do fenômeno para os alunos e para a escola e identificar as formas de enfrentamento do *bullying* na escola.

Para facilitar a leitura e reflexão sobre o assunto, primeiramente faz-se uma explanação sobre o tema, sua importância, o problema, os objetivos e a estrutura do trabalho. Em seguida apresenta-se o conceito de *bullying*, bem como, o *bullying* no espaço escolar, situações e características relacionadas aos tipos de agressões mais recorrentes nesse contexto. Logo após discorre-se sobre a metodologia adotada e os resultados da pesquisa de campo e por fim apresenta-se as considerações finais de todo trabalho realizado.

2 CONCEITUANDO O BULLYNG

O *bullying* apesar de não ser um fenômeno novo, foi apenas há algumas décadas que ele ganhou notoriedade, devido à grande veiculação nos meios de comunicação, que o

mesmo tornou-se conhecido da maioria da população. Ainda assim, sem uma terminologia própria, as ações para solucionar tal problema eram realizadas separadamente, e assim a grandeza e o verdadeiro tamanho do agravo não eram compreendidos.

Para Chalita (2008, p. 81):

A palavra *bullying* é um verbo derivado do adjetivo inglês *bully*, que significa valentão, tirano. É o termo que designa o hábito de usar a superioridade física para intimidar, tiranizar, amedrontar e humilhar outra pessoa. A terminologia é adotada por educadores, em vários países, para definir o uso de apelidos maldosos e toda forma de atos desumanos empregados para atemorizar, excluir, humilhar, desprezar, ignorar e perseguir os outros.

Deste modo, *bullying* é uma palavra inglesa que se refere aos atos de violência física ou psicológica que, de forma proposital e reiterada, sejam direcionados ao agredido por um ou mais indivíduos, com o intuito de intimidação, agressão ou isolamento. Segundo Camacho (2000, p. 44) “o *bullying*, que é um dos responsáveis pela violência explícita e que tem tido um crescimento expressivo nos últimos anos”.

Nesse sentido, Silva (2010a, p. 21), discorre que,

A expressão *bullying* corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um *bully* (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender.

É importante pontuar que o *bullying* se configura com base em estratégias específicas que o diferenciam da violência e da indisciplina, mas também o aproximam destes dois comportamentos quando se refere a conflitos entre pares, embora se caracterize pela repetição. Isto implica dizer que, nem toda agressão que ocorre entre pares, é caracterizada como *bullying*, não havendo desequilíbrio de forças nas agressões, sendo conflitos normais entre pessoas e não persistindo na perseguição, não há que se falar em *bullying*.

Para Pereira (2009, p. 16), *bullying* se refere a:

comportamentos agressivos de intimidação e que apresentam um conjunto de características comuns, entre as quais se identificam várias estratégias de intimidação do outro e que resultam em práticas violentas exercidas por um indivíduo ou por pequenos grupos, com caráter regular frequente.

O abuso de poder, a intimidação, a prepotência são estratégias adotadas pelos praticantes de *bullying* para impor sua autoridade e manter as vítimas sob total domínio. Muitas vezes, a vítima de *bullying* se torna também um praticante, sob o pretexto de se vingar

das humilhações sofridas.

Martins (2005, p. 94) identifica o *bullying* em três grandes tipos.

1. Diretos e físicos, que inclui agressões físicas, roubar ou estragar objetos dos colegas, extorsão de dinheiro, forçar comportamentos sexuais, obrigar a realização de atividades servis, ou a ameaça desses itens;
2. Diretos e verbais, que incluem insultar, apelidar, “tirar sarro”, fazer comentários racistas ou que digam respeito a qualquer diferença no outro; e 3. Indiretos, que incluem a exclusão sistemática de uma pessoa, realização de fofocas e boatos, ameaçar de exclusão do grupo com o objetivo de obter algum favorecimento, ou, de forma geral, manipular a vida social do colega.

Observa-se, assim uma diversidade de comportamentos caracterizados como *bullying* e é importante entender que eles têm consequências para a formação psicossocial das crianças. Segundo Ballone (2005), para as crianças que sofrem de *bullying* uma das consequências poderá ser a de crescer com sentimentos negativos, especialmente com baixa autoestima, tornando-se adultos com sérios problemas de relacionamento.

Os efeitos do *bullying* são capazes de desarmonizar as dimensões cognitiva, corporal, simbólica e orgânica, acarretando um conflito entre as questões internas e externas ao sujeito. Em casos extremos, algumas vítimas se suicidam por não suportarem tanta humilhação. Dessa forma, essa intolerância traz consequências inexplicáveis na vida de todos os envolvidos deixando rastros irreparáveis. Devido a essas implicações, pensa-se que o *bullying* deve ser tratado com mais severidade, caso contrário, o número de indivíduos que sofrerão as consequências desse fenômeno só tende a aumentar.

Com relação da questão do *bullying* para aquele que o pratica, Lopes Neto (2005, p. 166) vai dizer que “é a realização da afirmação de poder interpessoal por meio da agressão” e Martins (2005, p.95) acrescenta ainda que, “autores do *bullying* costumam agir com dois objetivos, primeiro para demonstrar poder, e segundo para conseguir uma afiliação junto a outros colegas”.

Já a vítima de *bullying*, conforme Lopes Neto (2005), é aquele indivíduo que é frequentemente agredido pelos colegas, o qual não tem sucesso ao tentar responder ou cessar as agressões. Apresenta-se exposto às agressões dos *bullies* por algum fator emocional, físico ou de comportamento.

Geralmente, aqueles que são alvos fáceis do *bullying* apresentam alguma característica física ou psicológica marcante, são pessoas que não gostam de falar no assunto e sofre em silêncio (ALMEIDA; CAVALCANTE; SILVA, 2008). No caso essas vítimas sofrem várias consequências do *bullying*, e podem ser identificadas, como: o nível da saúde,

com sintomas físicos como dores de cabeça e psicossomáticos, como é o caso de irritabilidade e nervosismo ou ainda ao nível do bem-estar psicológico, através de sentimentos de solidão, tristeza, infelicidade.

[...] o *bullying* começa frequentemente pela recusa de aceitação de uma diferença, seja ela qual for, mas sempre notória e abrangente, envolvendo religião, raça, estatura física, peso, cor dos cabelos, deficiências visuais, auditivas e vocais; ou é uma diferença de ordem psicológica, social, sexual e física; ou está relacionada a aspectos como força, coragem e habilidades desportivas e intelectuais (FANTE, 2005, p. 62).

As causas desse tipo de comportamento abusivo são inúmeras e variadas. Pode ser decorrente de carência afetiva, ausência de limites e ao modo de afirmação de poder e de autoridade dos pais sobre os filhos, que, muitas vezes incluem na educação maus-tratos físicos e explosões emocionais violentas.

Outro tipo de *bullying* que existe é o virtual, um tipo de violência em que a vítima não vê o agressor, mas sofre humilhações por meio das redes sociais, que detêm o poder de espalhar rapidamente qualquer tipo de informação. De acordo com Silva (2010a, p. 8), “[...] uma das formas mais agressivas de *bullying*, que ganha cada vez mais espaços sem fronteiras é o *ciberbullying* ou *bullying* virtual”. Segundo a autora, “Os ataques ocorrem por meio de ferramentas tecnológicas como celulares, filmadoras, máquinas fotográficas, internet e seus recursos (e-mails, sites de relacionamentos, vídeos).”

Segundo Fante e Pedra (2008), em grande parte dos casos, esse tipo de violência acontece de maneira indireta, em que a vítima só saberá do ocorrido após já ter sido disseminado na internet. Entre as consequências para o indivíduo, pode-se citar o esgotamento emocional, reações fisiológicas como diarreia, febre, sono, insônia e dores musculares. Também pode ocasionar doenças crônicas como, obesidade, anorexia, diabetes, prejudicando o sistema psicológico, ocasionando medo, angústia e raiva.

Por todas essas implicações, o *bullying* virtual é determinado pelos especialistas como o tipo mais cruel *bullying*. Esse fato acontece porque a internet é utilizada por inúmeros internautas e sua velocidade para propagar as notícias é surpreendente.

Mediante o exposto, faz-se necessário a conscientização por parte dos educandos e de toda comunidade escolar, de que todas as formas de *bullying* merecem uma atenção especial no que concerne ao seu controle no ambiente escolar, levando em consideração também os danos causados às vítimas, pois ninguém vai para a escola para ser maltratado com palavras e provocações, e que a escola ainda possa ser vista como um ambiente propício e

adequado aos processos de ensino aprendizagem.

3 BULLYNG NO AMBIENTE ESCOLAR

O ambiente escolar é um espaço que tem como função desenvolver as aptidões dos estudantes, de maneira que eles aprendam os conteúdos necessários, bem como, os valores e hábitos para poderem conviver em sociedade. Assim compete a família e a escola sensibilizar os alunos a viver em um ambiente social onde se respeite as diferenças e as características de cada um.

Nas últimas décadas, tem-se presenciado cada vez mais nas instituições escolares, tanto particulares como públicas, ações violentas e condutas agressivas por partes dos estudantes. Devido a esses fatos, Abramovay (2002), afirma que a instituição escolar que outrora era exibida como um ambiente seguro, de integração social, de socialização, na atualidade, tornou-se um lugar onde ocorre inúmeros tipos de violências, dentre as quais tem-se o *bullying*.

É reconhecido e noticiado pela mídia que a escola, de modo concomitante e paradoxal, além de se instituir como instância de aprendizagem de conhecimento e de valores, bem como de exercício da ética e da razão, tem-se configurado como um espaço de proliferação de violências, incluindo, brigas, invasões, depredações, *bullyng* e até mortes.

Nas escolas o *bullying* apresenta-se como um fenômeno complexo, muitas vezes banalizado ou confundido com agressão ou indisciplina e que podem estar associados a fatores econômicos, sociais, culturais, e a influência familiar, de amigos, da escola e da comunidade. Trata-se de comportamento agressivo através de insultos, apelidos cruéis, gozações, ameaças, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam a vida de outros levando o agredido, na maioria das vezes, ha graves consequências psíquicas e à exclusão escolar e social.

Desse modo, o *bullying* compreende comportamentos com diversos níveis de violência que vão desde chateações inoportunas ou hostis até fatos agressivos, sob formas verbais ou não, intencionais e repetidas, sem motivação aparente, provocado por um ou mais estudantes em relação a outros, causando dor, angústia, exclusão, humilhação e discriminação. Não raro encontra-se alunos com estas características, buscando autoafirmação através de atitudes rudes não somente com colegas de classe, mas também com professores e funcionários da escola. Nesse caso, os agressores são de ambos os sexos, agem sozinhos ou em grupo e apresentam aversão às normas.

Desta forma, o *bullying* diz respeito a condutas violentas, realizadas tanto por

meninos como por meninas dentro da instituição escolar. Embora seja cometida entre pares, isto é, entre os educandos, são ações efetivadas sempre, onde existe uma relação desigual de domínio.

É de fundamental importância distinguir o *bullying* de outras formas de comportamentos indesejados presentes no convívio escolar. Deve-se diferenciar *bullying* de brincadeiras turbulentas, nas quais se verificam sinais de prazer e diversão em todos os envolvidos; de atos de indisciplina ou insubordinação, de agressividade e de comportamentos antissociais, pois estes não envolvem atitudes persistentes de intimidação, controle e domínio contra uma vítima incapaz de defender-se das ameaças e, podem ter, ao contrário do que se verifica em situações de *bullying*, um caráter explosivo, impulsivo e emocional (COSTA, 2011, p.365).

Assim sendo, o *bullying* acontece quando um ou vários estudantes começam a perseguir outros estudantes, intimidando, ridicularizando, apelidando, isolando, chacoteando, através de atitudes racistas e preconceituosas, bem como, mediante agressões físicas e de forma sistemática, sem motivo nenhum.

Para que um aluno seja identificado como vítima Fante (2005, p. 74) alerta para que o professor observe se ele apresenta alguns destes comportamentos:

- Durante o recreio está frequentemente isolado e separado do grupo, ou procura ficar próximo do professor ou de algum adulto?
- Na sala de aula tem dificuldades em falar diante dos demais, mostrando-se inseguro ou ansioso?
- Nos jogos em equipe é o último a ser escolhido?
- Apresenta-se comumente com aspecto contrariado, triste, deprimido ou aflito?
- Apresenta desleixo gradual nas tarefas escolares?
- Apresenta ocasionalmente contusões, feridas, cortes, arranhões ou a roupa rasgada, de forma não-natural?
- Falta às aulas com certa frequência (absentismo)?
- Perde constantemente os seus pertences?

A incidência desse fenômeno pode trazer consequência negativas para o aluno, demonstrando, dessa forma, que intervenções no sentido de coibi-lo devem ser efetivadas. Nesse aspecto, Almeida, Cavalcante e Silva (2008), ressaltam que a persistência do *bullying* pode ocasionar quadros de depressão, estresse, ansiedade, perda de autoestima, medo de expressar emoções, problemas de relacionamento, evasão escolar elevada, entre outros.

O certo é que tanto os autores, como as vítimas, testemunhas e todo ambiente escolar sofrem com a prática de *bullying*, pois o convívio num ambiente de ansiedade, medo e agressividade, afeta os processos de aprendizagem, incentiva comportamentos agressivos e/ou depressivos, provoca o adoecimento dos envolvidos, aumentando os riscos para comportamentos delinquentes, violentos e de abuso de drogas no futuro.

Por outro lado Lopes Neto (2005, p. 168), discorre que “apesar da dimensão e das consequências, este problema tem sido socialmente negligenciado, já que muitos adultos consideram-no inevitável na vida escolar e, por vezes, encaram-no como algo que faz parte da iniciação à vida adulta”.

Nesta perspectiva, é imprescindível que os diversos profissionais que trabalham no sistema educacional tenham pleno entendimento para diferenciar uma situação normal daquela que se configura como *bullying*, para que encaminhamentos, atendimentos e procedimentos não sejam equivocados ou tais comportamentos passem despercebidos como se fossem brincadeiras. É importante, salientar que este comportamento não deve ser considerado como brincadeira, haja vista que, esta violência pode causar graves transtornos mentais e de personalidade em suas vítimas.

3.1 A escola e a família juntas no enfrentamento ao *Bullying*

Tendo em vista que o *bullying* é considerado um dos atuais causadores de problemas de aprendizagem, visto que o processo educativo, necessita de motivação como componente inerente ao processo, por estar sempre presente como desencadeadora da ação. Assim, a prevenção do *bullying* entre educandos constitui-se em uma necessária medida a ser tomada pelas instituições educativas, para que seja capaz de possibilitar o pleno desenvolvimento de crianças e adolescentes, habilitando-os a uma convivência social sadia e segura.

Nesse sentido, Martins (2005, p. 100) enfatiza que,

Os programas de prevenção da violência escolar devem dirigir-se mais aos grupos (escolas e turmas), do que aos indivíduos especificamente, e que o fato de se manifestar sob diferentes formas, sugere que as estratégias de intervenção ou prevenção deverão levar em conta o tipo de *bullying* que se pretenda prevenir ou erradicar.

Todavia, para conseguir tal intento, todos os profissionais do âmbito escolar devem estar engajados no processo, comprometidos com a elaboração e desenvolvimento de ações e trabalhos específicos em parceria com a família.

Fante e Pedra (2008, p. 28), dá algumas dicas para evitar o *bullying*:

- ✓ Incentivar a solidariedade, a generosidade e o respeito às diferenças por meio de conversas, campanhas de incentivo à paz e à tolerância, trabalhos didáticos, como atividades de cooperação e interpretação de diferentes papéis em um

- conflito;
- ✓ Desenvolver em sala de aula um ambiente favorável à comunicação entre alunos;
- ✓ Quando um estudante reclamar de algo ou denunciar o *bullying*, procurar imediatamente a direção da escola.

Nesse sentido, compete a gestão escolar, promover a autonomia dos professores em sala de aula, referindo-se à capacidade de posicionar-se, elaborar projetos pessoais e participar cooperativamente de projetos escolares para ter discernimento e organizar em metas/ações, estabelecendo critérios com princípios éticos, para os alunos mudarem de atitude no contexto escolar.

Antunes (2006, p. 25) afirma que “não ensina e não educa quem não define limites, quem não constrói democraticamente as linhas do que é e do que não é permitido”, expressando claramente que é papel do professor estabelecer os limites aos seus alunos, esclarecendo-os das diversas formas que o *bullying* se configura e de que é uma questão de extrema importância a ser resolvida no ambiente escolar e familiar.

De acordo com Meotti e Pericoli (2013), a instituição escolar precisa viabilizar os meios que promovam o bem-estar dos estudantes. Sendo que, na sala de aula, essa função deve ser exercida pelo docente, o qual precisará adotar um papel relevante na prevenção e no combate das situações que caracterize *bullying*, haja vista que, sua postura pode ou não facilitar a ocorrência de situações propícias a essa prática.

Conforme destaca Lopes Neto (2011, p. 63),

A condição básica para que o bullying seja reduzido nas escolas é que sejam adotadas políticas *antibullying* pautadas no desenvolvimento de um trabalho continuado. Ações que podem ser incluídas no cotidiano das escolas, sem que novas atividades sejam acrescentadas à grade curricular, mas inserindo o *bullying* como um tema transversal e permanente em todos os momentos da vida escolar.

Sendo assim, para enfrentar esse tipo de violência se faz necessário iniciativas de vários níveis e de diferentes complexidades. Nesse contexto, uma das ações cabe à escola que é o exercício do bom relacionamento e o cultivo da paz no ambiente, e junto a família deve buscar auxílio para a intervenção nas situações de *bullying*, reforçando a autoestima e orientando os alunos a enfrentarem as dificuldades.

Nesse sentido, Lopes Neto (2011, p. 63) afirma que,

Não há projeto *antibullying* bem-sucedidos sem o envolvimento de toda a comunidade escolar, professores, funcionários, pais e estudantes. Para o entendimento da importância da implantação desses programas nas escolas, a primeira medida deve ser a de conscientizar os professores sobre a natureza social

do *bullying* e sobre a necessidade do estabelecimento de estratégias proativas, voltadas à sua prevenção, dentro do currículo, e reativas, que definam as condutas adotadas diante dos incidentes identificados.

A escola, a família e a sociedade, como responsáveis pela prevenção do *bullying*, o que demanda conscientização efetiva dos seus respectivos papéis no processo de estruturação de ações preventivas e/ou de combate, tratando-se, portanto, de um trabalho estruturado e implementado coletivamente, para que de fato se tenha êxito.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia utilizada consiste em uma pesquisa de natureza quantitativa, de conteúdo exploratório/descrito, através da pesquisa de campo. De acordo com Alyrio (2008), a pesquisa quantitativa é utilizada nos casos em que se procura identificar quantitativamente o nível de conhecimento, as opiniões, impressões, hábitos, comportamentos, etc.

Segundo Gil (2008, p.8), “as pesquisas descritivas possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência”. Portanto, a pesquisa descritiva busca descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade concreta.

Para a execução e construção deste estudo, foi realizada ainda uma pesquisa exploratória que, segundo Gil (2008), tem como finalidade desenvolver e esclarecer ideias referentes ao tema estudado e proporcionar maior familiaridade com o problema.

Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica para se obter um retrato da situação atual do problema levantado e um panorama sobre os trabalhos já realizados na área educacional com ênfase no *bullying*, a fim de termos uma percepção mais coerente e ampla para maximizar nossa cognição em relação ao tema abordado e sustentação das questões discutidas neste trabalho, apoiando-nos em livros, revistas, apostilas, pesquisa através da internet, dentre outros.

Nas palavras de Gil (2008, p. 23), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

A pesquisa de campo foi escolhida para conduzir este estudo, por que conforme nos diz Gonsalves (2001, p.67),

É o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir

conjunto de informações a serem documentadas [...].

Nesse sentido, a pesquisa de campo foi realizada junto a 02 (dois) professores, os quais serão identificados por P1 e P2, para preservar suas identidades e mais 20 (vinte) alunos do Ensino Fundamental séries finais, do turno vespertino, escolhidos de forma aleatória nas turmas do 6º ao 9º ano, com o intuito de coletarmos a maior quantidade possível de dados sobre o fenômeno em estudo, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado. O instrumento de coleta de dados foi um questionário aplicado pela pesquisadora, nas dependências da Escola Municipal Romualdo Ferreira.

A análise e interpretação dos dados coletados teve como meta responder aos objetivos da pesquisa, tendo em vista fazer uma comparação dos dados encontrados com a teoria pesquisada, assim respondendo aos objetivos analisados na pesquisa fazendo proposições de forma coerente e com propósito definido.

5 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

5.1 Breve relato sobre a Escola

A instituição educacional onde a pesquisa foi realizada é a Escola Municipal Romualdo Ferreira, e está localizada no Povoado Bom Viver, no município de Pinheiro-MA. A escola foi fundada em 18 de agosto de 1960 e possuía apenas duas salas de aula, seu nome é uma homenagem ao primeiro professor do Povoado. Em 1978 a mesma foi expandida e passou a ter quatro salas de aula, uma secretaria, um depósito, uma cantina e dois banheiros. As modalidades de ensino atendidas nessa época eram apenas Alfabetização e Ensino Fundamental Menor.

Em 1986 a escola foi novamente ampliada com mais duas salas de aulas e no ano de 2004 a mesma foi transformada em escola polo, atendendo além do povoado Bom Viver as comunidades de São Luizinho, Madeira, Ipiranga, Oiteirinho de Pedra, São Sebastião e Mangal.

No seu quadro funcional a escola conta com duas diretoras, sendo uma diretora geral e outra adjunta, uma orientadora pedagógica, uma coordenadora pedagógica, um secretário, quatorze professores efetivos e treze contratados, sendo todos habilitados, dois agentes de portarias, dois auxiliares de serviços gerais e dois motoristas.

Com relação à infraestrutura da Escola é possível relatar que atualmente, a mesma

apresenta um espaço físico amplo, distribuindo em 08 salas de aulas, 01 diretoria, (todas climatizadas), 01 secretaria, 01 sala de professores, 01 depósito, 01 cantina, 01 pátio, 02 banheiros, sendo um masculino e outro feminino e uma quadra descoberta, perfazendo um total de 17 cômodos.

Com referência a classe estudantil, a escola possui 352 alunos matriculados, sendo que, destes 156 estudam no turno matutino e 196 estudam no turno vespertino. As modalidades de ensino oferecidas na Escola no turno matutino são: Creche III, Pré I e Pré II da Educação Infantil, além do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Já no turno vespertino funciona do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. No turno noturno a escola é cedida para o Estado e funciona o Ensino Médio. Além disso, no final de semana a escola é cedida para o Centro de Sistemas e Tecnologia – CESTE, onde é ofertado os cursos de Graduação e de Pós-graduação em Pedagogia.

A escola possui um projeto político pedagógico que foi elaborado em parceria com o corpo docente. O planejamento escolar acontece periodicamente com todos os professores para que as questões da escola como também as questões dos professores e alunos sejam discutidos.

5.2 Percepção dos Alunos sobre o *Bullying* no Ambiente Escolar

Esta etapa buscou levantar dados sobre a compreensão dos alunos em relação ao *bullying* e entender os seus sentimentos em relação ao referido fenômeno. Desta forma, foi proposto um questionário para levantamento desses dados. Sendo que, num primeiro momento buscou-se saber dos participantes da pesquisa qual o seu sexo, de acordo com as informações, constatou-se que 35% dos entrevistados são do sexo masculino e 65% do feminino. Quanto a idade, a grande maioria dos alunos 40% encontram-se com 14 anos, já 25% possuem 13 anos, enquanto que 10% possuem 12 anos de idade e o mesmo percentual 15 anos. Na faixa etária dos 16 anos tem-se 5%, também com esse percentual tem-se com 17 e com 19 anos. Mediante os dados obtidos, constatou-se que a faixa etária dos/as estudantes participantes desta pesquisa variou entre 12 e 19 anos e o sexo feminino foi o que predominou.

O primeiro questionamento feito para os alunos foi para eles conceituarem *bullying*. É importante pontuar que nesta questão alguns alunos elencaram mais de uma manifestação do referido fenômeno. Desse modo, as categorias, relativas às definições de *bullying* e os percentuais de indicação das falas dos entrevistados, foram os seguintes: 20%

disseram ser um tipo de agressão, 5% um tipo de violência, 5% agressão psicológica, enquanto que a maioria 40% elencaram a agressão verbal, principalmente os apelidos, já 35% ressaltaram o preconceito, tais como: cor da pele 10%, pobre 10%, sexual 5%, deficiência 5% e tipo de cabelo 5%. Sendo que 20% não souberam o significado.

De acordo com as respostas dos alunos fica perceptível que uma grande parte dos alunos pesquisados conhecem a respeito do bullying escolar. Por outro lado, é importante destacar, que uma parcela considerável dos pesquisados (20%), não souberam responder ao questionamento feito ou responderam de forma errônea.

Um dos pontos essenciais na prevenção do *bullying* é saber diferenciá-lo de uma brincadeira, segundo Laplane e Prieto (2010, p. 926), “As políticas devem assegurar o respeito às diferenças, o combate ao racismo, preconceito, discriminação e intolerância, além de garantir a educação inclusiva e a formação profissional”.

Quando questionados se já sofreram algum tipo de agressão, ofensa ou intimidação na escola, 45% relataram que sim e 55% disseram que não. Com relação sobre as consequências dessas agressões, 33,4% ressaltaram que ficaram triste, 11% pediu ajuda e 55,6% ficaram com raiva e pensaram em se vingar.

É pouco comum que a vítima revele espontaneamente o *bullying* sofrido, seja por vergonha, por temer retaliações, por descrever nas atitudes favoráveis da escola ou por recear possíveis críticas. Os efeitos sobre o indivíduo costumam ser os mais variados e vão desde depressão reativa, estresse de desordem, tornar-se agressor, ansiedade, distúrbio gástrico, dores idiopáticas, perda de autoestima, medo de expressar emoções a problemas de relacionamento, abuso de drogas e álcool, automutilação ou ainda ao *bullycídio* (suicídio). (MENEGOTTO; PASINI; LEVANDOWSKI, 2015).

Para Grossi e Santos (2009) o bullying traz sérias consequências para todos os envolvidos, entretanto quando a vítima é uma criança os efeitos poderão ser ainda mais graves, pois pode, além dos efeitos físicos, torna-las mais violentas, podendo cometer crimes mais tarde quando se tornarem adolescentes, provavelmente ele será um agressor.

Também foi perguntado aos alunos que tipo de agressão, ofensa ou intimidação já tinham sofrido. Nessa questão, os estudantes foram orientados/as a escolherem mais de uma opção de resposta. Desse modo, temos o seguinte resultado: violência física: agressão 10%, surra 5% e empurrões 20%; violência verbal: xingamentos 25%, apelidos 30% e piadinhas 20%; racismo: cor da pele 5% e tipo de cabelo 5%; sexual: por ser mulher 5%; econômica: ser simples 5%, rico 5% e estilo de vestir 5%; religioso: evangélico 10%; virtual: discriminação 15% e difamação por meio de Internet e celular 30%.

Mediante as respostas dos alunos percebe-se ainda que as agressões verbais 75%, por meio xingamentos, piadinhas e dos apelidos depreciativos são as ações mais comumente realizadas pelos que praticam o *bullying* na escola em estudo. Essas informações convergem com os dados da literatura. Para Freire e Aires (2012), dentre os relatos dos mais variados tipos de agressão sistemática, os casos de *bullying* verbal se sobressaem como a forma mais recorrente.

Outra constatação é que as vítimas recebem ataques conjugados, utilizando-se para isso várias formas de maus-tratos, inclusive a exclusão social. Assim sendo, os insultos, as intimidações, os apelidos cruéis, as gozações que magoam profundamente, acusações injustas, a atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos causando danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *bullying* visto na referida escola. Desse modo, o *bullying*, “é uma forma de violência que resulta em sérios prejuízos, não apenas ao ambiente escolar, mas a toda a sociedade, pelas atitudes de seus membros” (FANTE; PEDRA, 2008, p. 83).

O *bullying* ocorre em todas as escolas, e neste ambiente ele pode ser identificado nos mais diversos locais da escola, nesse sentido, foi perguntado em que local da escola você foi agredido, ameaçado ou incomodado. Dos alunos que já foram agredidos 88,9% dos alunos relataram que a agressão ocorreu na sala de aula quando o professor não estava e 11,1% nos corredores da instituição.

No caso do *bullying* a escola deve oferecer condições físicas e materiais adequados para os alunos se sentirem confortáveis em suas salas de aulas, local em que ocorre muitas situações envolvendo *bullying*. Segundo Silva (2010b), a escola é corresponsável nos casos de *bullying*, pois é lá onde os comportamentos agressivos e transgressores se evidenciam ou se agravam na maioria das vezes.

Além do que, o *bullying* é uma ameaça ao direito à educação, ao desenvolvimento, à saúde e à sobrevivência de muitas vítimas que se sentem indefesas, vulneráveis, com medo e vergonha, o que favorece o rebaixamento de sua autoestima e a vitimização continuada e crônica.

Sem dúvidas o *bullying* representa um problema real, grave e comumente presente no contexto escolar. Nesse sentido, foi perguntado aos alunos se eles tinham amigos/colegas da escola que são ou foram vítimas de *bullying* e 65% relataram que sim enquanto que 35% disseram que não. Todavia, quando perguntado se a escola tem conhecimento e tenta resolver a situação, 46,1% responderam que sim e 53,9% que não.

Esses dados demonstram que mesmo ocorrendo situações de *bullying* no ambiente

escolar, segundo 53,9% dos alunos entrevistados, essas manifestações não chegam ao conhecimento da Diretoria da Instituição. Esse fato, é preocupante, porque pode acontecer, que esse fenômeno se intensifique por toda a escola, devido ao medo da vítima e das testemunhas em relatar o que está acontecendo.

Trata-se de uma situação insustentável que precisa ser trabalhada por todo o corpo técnico da escola e a família, para que no futuro não haja tantos alunos frustrados e infelizes por seus anos passados no colégio. Como afirma Lopes Neto (2005), é necessário a participação dos pais, funcionários, professores e alunos nos projetos *antibullying*. Essas ações visam uma conscientização geral, o apoio às vítimas e a reflexão dos agressores sobre os seus atos. Assim, fica nítida a necessidade de a escola desenvolver estratégias de intervenção e enfrentamento de *bullying*, realizando processos formativos para seus professores e professoras e dialogar com as famílias.

Quando os alunos foram instigados a responderem sobre o que pensam das pessoas que praticam este tipo de agressão, 10% relataram que não pensam em nada, o mesmo percentual afirmou que não contam para ninguém pois tem medo da atitude dos agressores, 15% tem pena dos agressores e 5% tem pena das vítimas, já 35% tem raiva deles(as), enquanto que 25% responderam que se denunciarmos podemos acabar com isso.

Quando verificamos o tipo de sentimento que se dá a partir de uma situação de *bullying* (vivenciada ou presenciada), raiva e tristeza predominam. Nesse sentido, os comentários dos estudantes nos levam a pensar na importância do apoio das famílias, que nem sempre sabem, de fato, o que acontece com seus filhos e filhas dentro dos muros da escola.

Muitas testemunhas ou espectadores repudiam as ações dos agressores, mas nada fazem para intervir. Porque a maioria dos alunos não se envolve diretamente em atos de *bullying* e geralmente se cala por medo de ser a próxima vítima, por não saberem como agir e por descrerem nas atitudes da escola.

Para Calbo (2009), os espectadores assistem passivamente às situações violentas de *bullying*, se calando devido ao medo de denunciar e ser a próxima vítima, o que colabora para a manutenção dos comportamentos agressivos. No entanto, segundo Lopes Neto (2005), quando as testemunhas interferem e tentam cessar o *bullying*, essas ações são efetivas na maioria dos casos.

Outro questionamento feito aos alunos foi para saber se na escola, já houve alguma palestra ou aula sobre *bullying*, dos participantes 65% responderam que sim e 35% alegaram que não. Como a pesquisa foi realizada em todas as turmas do 6º ao 9º ano, acredita-se que em algumas turmas ainda não tenha sido trabalhado esse tema, pelo fato de 35%

afirmarem que nunca houve esse tipo de evento. Essa constatação reafirma a importância da implementação de trabalhos realizados em uma perspectiva crítica e institucional e voltados para informar, conscientizar e promover reflexões e sensibilização a respeito da gravidade desse fenômeno.

Sendo que, para realizar esse trabalho de sensibilização sobre *bullying*, a escola precisa estar ciente do seu papel, o de ensinar e educar, e disponibilizar profissionais que possam contribuir na execução de atividades educativas e pedagógicas que resgatem a dignidade e autoestima dos alunos envolvidos.

Para combater esse fenômeno, é necessário compreender primeiramente do que se trata. Para Fante (2005, p. 28):

Bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais.

Portanto, é preciso que a escola reconheça a existência do fenômeno e, sobretudo, esteja consciente de seus prejuízos para a personalidade e o desenvolvimento sócio educacional dos estudantes e leve o tema à discussão com toda a comunidade escolar, bem como, elaborar estratégias preventivas que sejam capazes de fazer frente ao fenômeno.

Quando instigados se gostariam que na escola tivesse um projeto sobre *bullying*, todos os alunos entrevistados responderam que sim.

Desse modo compreende-se a necessidade de se desenvolver esta temática na escola e que ela é um espaço educativo que propicia desenvolvimento de habilidades, competências, formação e desenvolvimento de conceitos, saberes e opiniões, por isso tem o papel fundamental de buscar alternativas para o enfrentamento e prevenção do *bullying*.

5.3 Compreensão e Formas de Enfrentamento dos Professores sobre o *Bullying* no Ambiente Escolar

Buscando obter um retrato fidedigno do fenômeno *bullying* no meio escolar, se fez necessário buscar a opinião de alguns professores que atuam na Escola Municipal Romualdo Ferreira. Com as informações obtidas nos questionários, constatou-se que:

P1 é do sexo feminino, possui 51 anos de idade, é formada em Licenciatura em

Letras, exerce a função de professora há 23 anos e leciona nas séries do 6º e do 7º ano. Já P2 é do sexo masculino, possui 40 anos de idade, é formado em Matemática, exerce a função de professor há 19 anos e leciona nas séries do 7º, 8º e 9º ano.

Quando perguntado sobre o que entendiam sobre *bullying*, obteve-se as seguintes respostas.

“São atos praticados repetitivos, violentos e intencionais contra uma pessoa indefesa podendo causar danos psicológicos e físicos às vítimas” P1.

“É a pratica de atos violentos, sejam eles direto ou indiretamente que podem causar danos irreparáveis, sendo eles físicos ou psicológicos” P2.

De acordo com as respostas, constata-se que os entrevistados demonstram ter conhecimento sobre *bullying*. Pois segundo Fante (2005), o *bullying* é definido como sendo uma “situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas”.

Ainda com relação à definição desse fenômeno, Silva (2010b) acrescenta que a palavra *bullying* é utilizada para qualificar comportamentos violentos, tanto físicos quanto psicológicos, sendo mais frequente no âmbito escolar, contra vítimas que estão impossibilitadas de se defender.

Também foi perguntado aos professores onde ele obteve conhecimentos sobre *bullying*, e as respostas foram: “Em pesquisas e estudos a serem aplicados em sala de aula.” P1. Já P2 ressaltou em “Escola e na Internet”.

Percebe-se pela fala dos entrevistados que nenhum deles recebeu conhecimentos nas suas graduações para trabalharem com esse fenômeno. Sabe-se que a graduação e os cursos de extensão ou especialização, em geral, não preparam os professores para situações de preconceito durante a aula, o que torna a tarefa de combater o *bullying* um tanto quanto difícil.

A formação continuada parece ser de fundamental importância neste processo. No entanto, para que ela ocorra, além da motivação inicial - querer agir, dos agentes educacionais é preciso apoio das administrações educativas (GONÇALVES, 2011).

É importante ressaltar que embora seja raro encontrar algum professor que não tenha algum conhecimento - mesmo que básico - acerca do *bullying*, a problemática principal reside em como os docentes agem frente a tais situações.

É necessário agir a tempo e, para isso, deve-se saber, inicialmente, diferenciar uma prática de *bullying* de um acontecimento que ocorre no dia a dia dos envolvidos. Nesse sentido, os professores foram instigados sobre se já tinham presenciados alguma agressão que

se configurava como *bullying* no ambiente escolar, qual foi o tipo de violência e qual foi a sua atitude.

P1 afirmou que já presenciou na escola agressões, verbal, racista, sexual e religiosa e sua atitude consistia em incentivar a solidariedade, o respeito, a generosidade e as diferenças por meio de conversas incentivando a paz.

P2 afirmou que já presenciou na escola agressões, física, verbal, racista, sexual, econômica e religiosa e sua atitude era de indignação e revolta, porém tentava ajudar a vítima e conversava com o agressor.

Mediante as colocações dos professores, faz-se necessário pontuar que quando o problema de ocorrência de *bullying* é percebido pelos professores, se torna mais fácil de minimizar e até mesmo de evitar o problema. Vale destacar que, com referência ao *bullying*, o bom relacionamento professor-aluno é fundamental e de grande importância, pois conhecer o aluno é uma das habilidades do professor, e isto o coloca como um grande aliado no combate ao mesmo.

Para Ortega (2002) só poderemos vislumbrar a possibilidade de ver o *bullying* erradicado das escolas se os professores entenderem que este fenômeno é um problema e aceitar que se deve pôr fim a ele. No que tange a atitude dos educadores, em relação ao *bullying* na sala de aula, de acordo com os estudos feitos por Silva *et al.* (2013), faz-se necessário que os docentes privilegiem o diálogo com os alunos e a problematização da agressão entre eles, com o intuito de conscientizá-los das consequências nefastas desse fenômeno.

Nesse sentido, os entrevistados foram questionados se algum(a) aluno(a) já haviam lhe procurado para relatar alguma situação de *bullying*, ambos relataram que sim. Nesta questão, também observa-se a importância da relação professor aluno no contexto educacional, em que os alunos buscam apoio dos docentes para solucionar o problema que vem sofrendo de *bullying*.

É importante ressaltar que em relação aos casos de *bullying* no ambiente escolar, a indiferença do professor mediante os conflitos gerados entre os alunos pode provocar o distanciamento do aluno vítima de *bullying* que se fecha em seu mundo e sofre calado enquanto o agressor se aproveita desta situação.

Nesse sentido, Almeida, Cardoso e Costa (2009), afirmam que, a inserção do professor, tanto na avaliação quanto na intervenção do *bullying*, tem sido apontada como o fator crucial na resolução do problema nas escolas. O conhecimento dos educadores quanto à presença desse fenômeno favorece um diagnóstico precoce e uma intervenção melhor

planejada.

Também foi perguntado se existe na escola projetos de intervenção e/ou prevenção focados no *bullying*, ambos relataram que não, sendo que P2, ressaltou que existe projetos voltados aos valores morais e éticos.

De acordo com os respondentes observa-se que na escola em questão não há projetos efetivos de prevenção e combate ao *bullying*. Diante deste fato, é possível constatar que a escola não está agindo com eficácia no combate ao *bullying* e a comunidade escolar está bastante distante dos problemas vivenciados pelas crianças.

Sendo assim, faz-se necessário que a escola desenvolva projetos que supram, ou que ao menos tentem suprir a ausência de limites e favoreça uma boa educação dos alunos, para que dessa forma a escola seja a referência não só educacional, mas norteadoras de princípios dignos e humanos (LINS, 2010).

Os entrevistados foram solicitados a darem sua opinião, sobre quais as providências que a escola deve adotar para solucionar essa problemática

“Medidas de prevenção e combate ao bullying com utilização de projeto e com orientação aos alunos, funcionários e pais” P1.

“Trabalhar os valores éticos e morais com alunos e pais ou responsáveis” P2.

Mediante a fala dos entrevistados, fica evidente que deve ser realizado na escola um trabalho voltado para a sensibilização de todos os envolvidos nas situações de manifestação do *bullying*.

Nesse sentido, Avilés (2013, p. 24) ressalta que,

Para introduzir mudanças em uma escola, primeiro devemos saber o que queremos mudar ou sobre o que queremos incidir. Nesse sentido, devemos nos perguntar quais são os problemas específicos sobre o *bullying* que a escola tem: que tipo de *bullying* acontece, em que medida, se há alguma iniciativa já em andamento na escola, quais são os resultados [...].

Qualquer programa de prevenção ou intervenção a ser desenvolvido numa escola precisa considerar a realidade desta. Conhecendo a realidade permitirá não só aos professores, mas aos próprios alunos reconhecerem os problemas de convivência que têm e pensar em estratégias de enfrentamento.

Avaliar o fenômeno contribui, também, para estabelecer um consenso sobre o que é *bullying* e o que não é, assim sendo, é importante que se faça a distinção entre quem são as vítimas, quem são os agressores e quem são os espectadores, isto se torna importante para que as escolas e as famílias envolvidas elaborem estratégias e tracem ações efetivas contra este

comportamento.

Fante (2005) afirma que para que se possam desenvolver estratégias de intervenção e prevenção ao *bullying* no ambiente escolar, é necessário que se reconheça esse tipo de violência, sobretudo, as suas consequências no comportamento e aprendizagem dos alunos.

Sendo assim, é fundamental que a escola apresente projetos que possam instruir toda a comunidade escolar e junto a família combater este problema, acerca do fenômeno *bullying* e, desta forma, promover ações para prevenir e combater a prática de qualquer tipo de violência na escola e fora desta, pois é um problema que atinge, direta ou indiretamente, toda a sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a pesquisa, cabe a escola a importante tarefa de atender aos alunos em suas especificidades, desenvolvendo estratégias e ambientes que permitam a superação das dificuldades, o convívio entre as diferenças e a articulação entre as finalidades educativas e as necessidades dos alunos.

Foi possível constatar que a escola é o ambiente, provavelmente, mais favorável para que estas relações conflituosas se estabeleçam, pois oportuniza o encontro de diferentes formas de pensar e agir. Diferentes realidades socioculturais que tornam a escola um ambiente extremamente diversificado, sendo promotor de encontros afetuosos e conflitantes.

A busca por minimizar os danos causados a todos os envolvidos no *bullying* é algo a ser trabalhado no meio escolar, mas o primordial é reconhecer que o problema existe, e que suas consequências podem ser muito graves. Todavia, o *bullying* é de difícil identificação por parte dos familiares e da escola, uma vez que a vítima teme denunciar os seus agressores, por diversos motivos. Sua denúncia ecoaria como uma confissão de fraqueza ou impotência de defesa. Os agressores se valem da lei do silêncio e do terror que impõem às suas vítimas, bem como do receio dos espectadores, que temem se transformarem a próxima vítima.

Desse modo, a escola precisa estar atenta a essas manifestações e que insira nos conteúdos, um trabalho voltado para a construção de princípios de tolerância e respeito. É possível enfrentar o *bullying*, desde que haja conscientização, planejamento, atitudes de compromisso e de responsabilidade e a cooperação de toda a comunidade escolar, salientando que o processo educacional não depende apenas do professor.

De acordo com os dados da pesquisa, ficou evidente a existência do *bullying* no

dia a dia da escola, apresentando um número de vítimas bastante elevado, e o tipo de *bullying* mais encontrado é o verbal que caracteriza-se por apelidos, gozações e fofocas. Muitas vezes esse tipo é difícil de ser identificado, devido ser bastante confundido com brincadeiras.

Outra constatação é que se faz necessário observar com mais atenção o que se passa na escola, e principalmente, cuidar mais das salas de aula, onde as agressões acontecem com mais frequência. Isto porque o *bullying* traz danos não apenas para a vida escolar, pessoal e psicológica dos alunos, como para as instituições escolares, logo, deve ser algo analisado e prevenido por todos que compõem a escola.

Também foi possível se constatar com esta pesquisa a partir da fala dos professores participantes, que afirmaram não haver projetos de intervenção/prevenção ao *bullying* na escola, ou seja, não existem estratégias por parte da escola para sanar ou inibir este problema.

Portanto, conclui-se que a escola necessita urgentemente acionar toda a comunidade escolar e a família em uma grande luta em prol da paz nas escolas. É na ação conjunta que surgirão os grandes resultados, pois se fizer um trabalho em conjunto, esta violência que tanto fere os jovens, poderá ser erradicada das escolas e desta forma estará sendo promovida uma educação não apenas centrada em conteúdos, mas uma educação significativa que se estenderá por toda a vida.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, UCB, 2002.

ALMEIDA, S. B.; CARDOSO, L. R. D.; COSTA, V. V. *Bullying*: conhecimento e prática pedagógica no ambiente escolar. **Psicologia Argumento**, v. 27, n. 58, p. 201-206, 2009.

ALMEIDA, K. L.; CAVALCANTE, A.; SILVA, J. S. C. Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura. **Revista Pediátrica**. Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 8-16, 2008.

ALYRIO, R. D. **Metodologia Científica**. Rio de Janeiro: PPGEN: UFRRJ, 2008.

ANTUNES, Celso. **Indisciplina e aprendizagem**: aspectos pedagógicos e didáticos. Rio de Janeiro: Cortez, 2006.

AVILÉS, J. M. M. *Bullying*: guia para educadores. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

BALLONE, G. J. **Maldade da infância e adolescência**: bullying. PsiqWeb 2005. Disponível em: www.psiqweb.med.br. Acesso em: 01/10/2019.

CALBO, A. S. et al. Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 73-80, dez. 2009.

CAMACHO, L. M. Y. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes**: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade – bullying**: o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Editora Gente. 2008.

COSTA, Yvete Flávio da. *Bullying – Prática diabólica – Direito e educação*. **Revista de Estudos Jurídicos UNESP**, Franca, a. 15, n. 21, p. 359-377, 2011.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas SP: Veros Editora, 2005.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FREIRE, A. N.; AIRES, J. S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 55-60, jun. 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, C. G. **Concepção e julgamento moral de docentes sobre bullying na escola**. 2011. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à Pesquisa Científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GROSSI, Patrícia Krieger; SANTOS, Andréia Mendes dos. Desvendando o fenômeno bullying nas escolas públicas de Porto Alegre, RS, Brasil. **Rev. Port. de Educação**, Braga, v. 22, n. 2, p. 249-267, 2009.

LAPLANE, Adriana Lia Frisman; PRIETO, Rosângela Gavioli. Inclusão, diversidade e igualdade na CONAE 2010: perspectivas para o novo Plano Nacional de Educação. **Educação e Sociedade**, Campinas, SP, v. 31, n. 112, p. 919-938, jul./set. 2010.

LINS, R. C. B. S. Bullying: Que fenômeno é esse? **Revista Pedagógica**. v. Inaugural, 2010.

LOPES NETO, Aramis Antônio. **Bullying**: saber identificar e como prevenir. São Paulo: Brasiliense, 2011.

_____. Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

MARTINS, Maria José D. O problema da violência escolar: Uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. **Revista Portuguesa de Educação**. v. 18, n. 1, p. 93-105, 2005.

MENEGOTTO, Lisiane Machado de Oliveira; PASINI, Audri Inês; LEVANDOWSKI, Gabriel. O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 203-215, maio/ago. 2015.

MEOTTI, J. P.; PERÍCOLI, M. A postura do professor diante do bullying em sala de aula. *Revista Panorâmica*, Pontal do Araguaia, v. 15, p. 66-84, 2013.

ORTEGA, R. Programas Educacionais de prevenção da violência escolar na Espanha: o modelo Sevilha antiviolaência escolar (SAVE). **Seminário Internacional de Violência nas Escolas**, 1, Brasília. 2002.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. Recreios escolares e prevenção da violência: dos espaços às atividades. In: ENS, R. T.; VOSGUERAU, D. S. R.; BEHRENS, M. A (Org.). **O trabalho do professor no espaço escolar**. Curitiba: Champagnat, 2009, p. 86-100.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: Cartilha 2010 – Projeto Justiça nas Escolas. Brasília-DF: Complexo Educacional FMU, 2010a.

_____. **Bullying**: Mentis perigosas nas Escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010b.

SILVA, J. L.; OLIVEIRA, W. A.; BAZON, M. R.; CECÍLIO, S. *Bullying* na sala de aula: percepção e intervenção de professores. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 65, n. 1, p. 121-137, 2013.